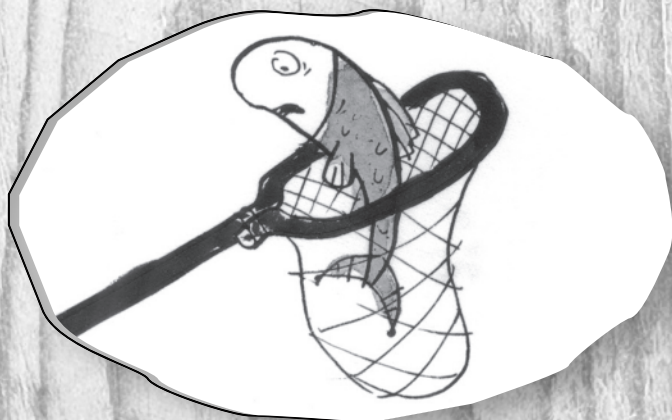


CAPÍTULO

1

NASCE UMA IDEIA



Era uma vez três homens – Able, Baker e Charlie – que viviam sozinhos numa ilha. Longe de ser um paraíso tropical, a ilha era um lugar difícil, sem luxos. Nomeadamente, as opções quanto à alimentação eram extremamente limitadas. No menu só havia um item: peixe.



Felizmente, a ilha estava rodeada por uma abundante população de peixes estranhamente homogêneos, cada um dos quais com tamanho suficiente para alimentar um ser humano por um dia.

Contudo, tratava-se de um local isolado onde não chegara nenhum dos muitos avanços da Humanidade em termos de tecnologia de captura de



peixe. O melhor que estes rapazes podiam fazer era saltar e agarrar à mão os danados escorregadios.

Com esta técnica pouco eficaz, cada um deles conseguia apanhar um peixe por dia, o suficiente para sobreviverem até ao dia seguinte. Esta actividade representava toda a economia da ilha. Acordar, pescar, comer, dormir. Não era lá grande vida, mas, paciência, era o que se arranjava.

E, desta forma, nesta sociedade insular muito simples baseada em *sushi* não havia...

Poupanças!

Crédito!

Investimento!

Tudo o que era produzido, era

consumido! Não se armazenava nada para uma eventual necessidade e não sobrava nada para emprestar.



Apesar de os habitantes da nossa ilha viverem numa sociedade primitiva, isso não significava que fossem estúpidos ou pouco ambiciosos. Como todos os humanos, Able, Baker e Charlie queriam melhorar o seu nível de vida. Mas, para o fazerem, cada um deles teria de ser capaz de apanhar mais do que um peixe por dia, o mínimo de que precisava para sobreviver. Infelizmente, dadas as limitações das suas mãos despidas e a agilidade dos peixes, os três não passavam do nível da subsistência.

Uma noite, ao observar o céu cravejado de estrelas, Able começou a pensar no sentido da sua vida... “Não há mais nada além disto? A vida deve ter mais do que *isto* para oferecer.”

Sabem como é, o Able queria fazer algo mais do que pescar à mão. Gostaria de confeccionar uma roupa de folha de palmeira melhor e mais vanguardista; queria um lugar para se abrigar das monções, e, fundamentalmente, queria, claro, realizar longas-metragens. Mas com a sua labuta diária tão votada à pesca, como é que estes sonhos alguma vez poderiam realizar-se?

O mecanismo da sua mente começou a movimentar-se... e de repente nasceu uma ideia para um **apanhador de peixes**... um instrumento capaz de expandir largamente o alcance da mão humana reduzindo em simultâneo a capacidade de fuga do peixe após o momento inicial de captura.





Com uma engenhoca destas, talvez fosse possível apanhar mais peixe em menos tempo! Com o tempo que passaria a ter disponível talvez pudesse começar a fazer roupas melhores, a construir um abrigo e a dar os últimos retoques no seu argumento.

Com o instrumento a ganhar forma na sua mente, sentiu-se a entrar no Paraíso, e de repente concebeu um futuro livre da escravidão da pesca diária.

Decidiu chamar “rede” ao seu instrumento e tratou de procurar materiais para o construir.

No dia seguinte, Baker e Charles repararam que Able não andava à pesca. Pelo

contrário, estava sentado na areia a fazer fios com casca de palmeiras. “O que é que se passa?”, perguntou Baker.

“Estás de dieta, ou quê? Se continuares aqui a atar esses fios vais acabar por ter fome.”



Able explicou-se:

“Lembrei-me de construir um instrumento que vai abrir caminho a uma vaga de novas possibilidade de pesca. Quando terminar, vou passar menos tempo a pescar e nunca mais vou ter fome.”

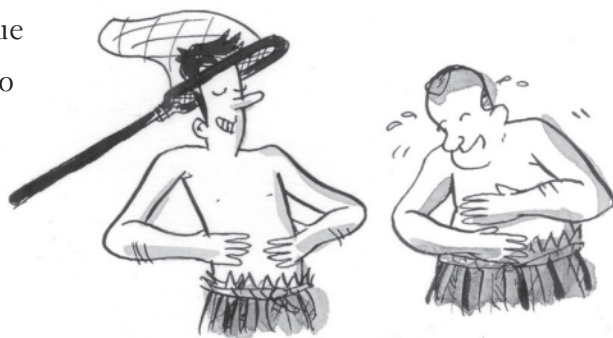
Ao fim do dia, Able terminou a sua rede! Ele **criou capital** através do **auto-sacrifício**!

Nessa noite, enquanto Baker e Charlie dormiam de barriga cheia, Able agonizava de fome, vendo imagens de peixes deliciosos a dançarem à sua frente. No entanto, a sua fome era claramente subjugada pela esperança de ter feito o que era correcto e de que o aguardava um futuro brilhante cheio de peixes.

No dia seguinte, Baker e Charles fartaram-se de gozar com a invenção de Able.

“Olha que belo chapéu”, disse Baker.

“Não achas que está demasiado calor para jogar ténis?”, acrescentou Charlie.



“Riam-se à vontade rapazes”, ripostou Able, “vamos ver quem se vai rir quando eu estiver carregado de peixe.”

O escárnio prosseguiu quando Able avançou para a rebentação, pegando desajeitadamente no seu estranho instrumento novo.

Após uns minutos, apanhou-lhe o jeito e, num piscar de olhos, capturou um belo exemplar.

Baker e Charlie
pararam de gozar.
Quando, logo na
hora seguinte,
Able pescou o seu
segundo peixe do
dia, os rapazes



tiveram de se render. Afinal de contas, por norma
demoravam um dia inteiro para apanharem um único peixe!

A partir deste simples episódio a economia da ilha estava
prestes a mudar radicalmente. Able tinha acabado de
aumentar a sua produtividade e isso era bom para todos.

Para já, Able reflectia naquela inesperada bênção. “Dado
que posso garantir dois dias de comida com apenas um dia
de pesca, posso usar o dia que sobra para fazer outra coisa.
As possibilidades são infinitas!”

✓ IMPACTO REAL

Ao duplicar a sua produtividade, Able é agora capaz de
produzir mais do que aquilo de que necessita
consumir. Todos os lucros económicos crescem com os
ganhos na produtividade.

Antes de Able se ter lançado na construção da sua rede,
não havia armazenamento de poupanças na ilha. A sua
disponibilidade para arriscar e para passar fome originou
a primeira porção de equipamento de capital, que, por sua
vez, produziu poupanças (para o bem desta história,
vamos assumir que o peixe não se estraga). Esta produção
extra é a essência de uma economia saudável.



A RETER



Para todas as espécies, excepto a nossa, o sistema económico serve única e exclusivamente para a sobrevivência do dia-a-dia. Dada a competição pelo escasso alimento existente, a severidade dos elementos, o perigo dos predadores, a vulnerabilidade face à doença e a relativa escassez de inovações, a sobrevivência elementar (com algum tempo que sobre para a reprodução) é tudo a que os animais se podem agarrar. Estaríamos no mesmo barco (como estivemos num passado não muito distante) se não fosse por duas razões: o nosso grande cérebro e a destreza das nossas mãos. Usando estas duas coisas em conjunto, fomos capazes de construir ferramentas e máquinas que incrementam a nossa capacidade de aproveitarmos melhor o ambiente que nos rodeia.

O economista Thomas Woods gosta de desafiar os seus alunos com uma experiência de reflexão muito simples: Que tipo de economia teríamos se desaparecessem todas as máquinas e ferramentas?

Carros, tractores, fundições, pás, carrinhos de mão, serras, martelos, lanças, tudo. E se tudo pifasse e tudo o que consumimos tivesse de ser caçado, colhido, cultivado e fabricado COM AS NOSSAS PRÓPRIAS MÃOS?

Sem dúvida que a vida seria dura. Imagine o quanto seria difícil comer se tivéssemos de abater a caça com os nossos próprios dentes, punhos e unhas. A caça grossa estaria fora de questão. Os coelhos poderiam ser subjugados... mas antes

teríamos de ser capazes de os caçar. E se os vegetais tivessem de ser plantados e colhidos à mão e se nem sequer tivéssemos sacos para carregar a colheita? Imagine se tivéssemos de fazer vestuário e móveis sem fábricas... ou até mesmo sem tesouras ou pregos?

Apesar da nossa inteligência, não estaríamos em melhor posição, pelo menos do ponto de vista económico, do que os chimpanzés ou os orangotangos.

As ferramentas mudam tudo e criam a possibilidade de uma economia. As lanças ajuda-nos a abater a caça, as pás ajudam-nos a plantar e as redes ajudam-nos a pescar. Estes instrumentos potenciam a eficácia do nosso trabalho. Quanto mais conseguirmos fazer, mais conseguimos consumir e mais prósperas se tornam as nossas vidas.

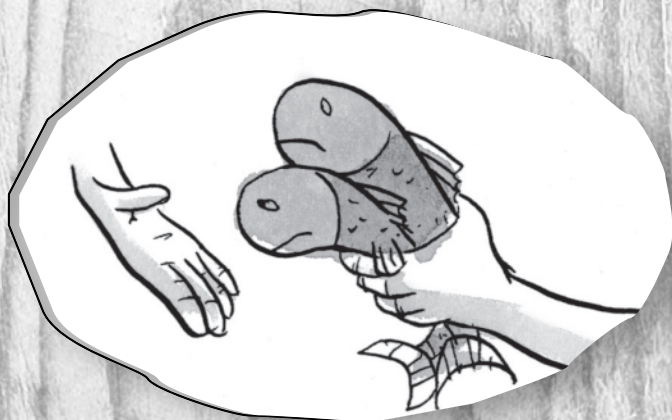
A definição mais básica de sistema económico é o esforço para maximizar a disponibilidade de recursos limitados (e quase todos os recursos são limitados) para satisfazer o maior número possível de necessidades humanas. Ferramentas, capital e inovação são as chaves desta equação.

Se se tiver isto em mente, é fácil perceber o que leva as economias a crescerem: descobrir melhores formas de produzir mais material que os humanos querem. Isto não se altera... não interessa o quanto uma economia possa vir a crescer.

CAPÍTULO

2

PARTILHAR A RIQUEZA



Able, o empresário, parece ter um futuro brilhante à sua frente. Mas, e quanto ao resto da ilha? Não acabámos de criar um sistema de classes que distingue os que têm e os que não têm? Baker e Charlie vão sofrer devido ao sucesso de Able? Nem pensar. Apesar de nunca ter sido sua intenção beneficiar mais alguém que não ele, ainda assim o capital de Able ajuda todos. Vamos ver como.



Depois de testemunharem a facilidade com que Able pesca, Baker e Charlie pediram que partilhasse o seu inovador apanhador de peixes.

“Ei, Able”, disse Charlie, “dado que só usas essa coisa dia sim dia não, que tal deixares-me usá-la no dia em que estás a fazer outras coisas?”



“Anda lá, partilha a riqueza, companheiro”, acrescentou Baker.

Mas Able não era assim tão ingênuo. Ele lembra-se dos sacrifícios que teve de fazer... lembra-se de se terem rido de

desprezo e ponderou o risco. *“E se eles me rompem a rede? Então regresso à estaca zero. Adeuzinho, roupa de folhas com estilo!”*

Pesando todas estas desvantagens, Able recusou o pedido.

“Desculpem rapazes, mas não é possível. Eu fiz a minha própria rede e vocês também são capazes. Pelo menos, vocês já sabem que isto resulta!”

Apesar de Charlie reconhecer a eficácia da rede, estava apreensivo com a perspectiva de fazer uma para si.

Respondeu a Able: “Como é que sei se a estou a fazer bem? Nunca fiz uma coisa dessas antes, e, além disso, não trabalho bem com fome. Tremo todo. Sou capaz de morrer de fome antes de conseguir fazer uma rede em condições!”

Baker avançou com outra proposta. “OK, sovina, então não nos vais fazer nenhum favor. Já percebemos. Mas, e o que dizes a isto? Emprasta-nos algum do peixe que tens em excesso para comermos enquanto fazemos as nossas redes. Assim, não passamos fome enquanto as fazemos e repomos todos os peixes que nos emprestares graças à quantidade extra que vamos apanhar!”

Embora esta ideia já agradasse mais a Able do que simplesmente ceder a sua rede, ainda assim mostrava-se muito renitente.

“Mas, se eu vos emprestar o meu peixe, não tenho garantias de que vocês não vão



limitar-se a tirar um dia de folga para ficarem estendidos na praia! Mesmo que façam as vossas redes, podem nem sequer funcionar. De uma forma ou de outra, nunca vão ser capazes de me pagar e terei perdido as minhas poupanças a troco de nada! Têm de pensar numa proposta melhor.”

Charlie e Baker reconheceram que ele estava certo. Perceberam que estavam a pedir a Able que arriscasse sem ganhar nada em troca. Mas a tentação por peixe extra era demasiado forte. Rapidamente, apresentaram uma forma capaz de o convencer a arriscar. Reflectiram, remoeram os números e, por fim, nasceu uma **ideia financeira!**



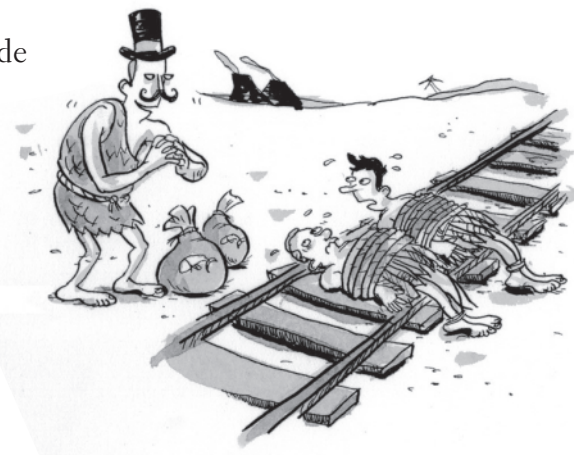
Baker aproximou-se de Able e disse: “Vamos fazer um acordo: por cada peixe que nos emprestares, pagamos-te com dois. É um lucro de cem por cento. Onde é que

vais arranjar um rendimento assim numa ilha como esta?»

Able ficou convencido: “Agora, sim, *isso* interessa-me!”, disse ele, sem dar mostras de estar a ironizar.

Able pensou nos ganhos. “*Se lhes emprestar dois peixes, consigo quatro de volta. Vou ficar dois peixes mais rico sem ter trabalho nenhum. Vou ser um magnata do peixe!*”

Para alguns, pode parecer que Able foi longe de mais. Se isto fosse um filme de Hollywood,



ele começaria a confiar o seu bigode encerado. Iria fazer dinheiro à custa do trabalho dos outros, extraindo lucro da faina deles!

Mas essa imagem não tem sustentação. Mesmo que Able pretenda apenas encher as suas arcas de peixe, a sua ganância, à falta de definição melhor, proporcionará um lucro que, de outra forma, seria inalcançável.

É importante notar que Able não precisa de fazer o empréstimo. Ele tem uma série de opções, incluindo estas quatro:

1. Pode limitar-se a guardar o seu peixe para uso futuro... Esta é a opção mais segura. De certeza que não teria perdas, mas, naturalmente, as suas poupanças *não cresceriam*.



2. Pode limitar-se a satisfazer-se a si próprio e **consumir** as suas poupanças.



3. Pode montar a sua própria empresa de aluguer de redes. Calculou que se consumisse um dos seus peixes de reserva por dia durante dois dias poderia fabricar mais duas redes.



Depois poderia alugar as redes
excedentes a Baker e
Charlie por meio peixe ao
dia. Cada um deles
iria fornecer
diariamente meio
peixe à sua
empresa de
aluguer. Able teria o peixe diário de que necessita para viver
sem sequer ter de ir pescar. Olá, reforma antecipada!

Neste cenário, Baker e Charlie seriam capazes de capturar dois
peixes por dia com as suas redes. Depois de pagarem a Able o
respectivo meio peixe diário, ficariam ainda, cada um deles,
com um peixe e meio por dia. São cinquenta por cento a mais
do que teriam sem redes. Neste caso, toda a gente ganha.
Apesar de lhe parecer interessante, Able detectou algumas
falhas na sua própria lógica. Baker e Charlie poderiam alugar
as suas redes durante dois dias... e depois usarem as suas
poupanças para eles próprios construírem as suas redes. Num
cenário destes, ele estaria apenas dois peixes à frente... é um
risco real!

4. Pode emprestar os seus dois peixes a Baker e Charlie e
cobrar-lhes cem por cento de juros. Neste caso, obteria



quatro peixes caso lhe pagassem
totalmente com juros. Mas
havia sempre o risco de eles
resistirem.

Decisões... decisões... decisões!

Em resumo, Able (e a sociedade) só pode fazer cinco coisas com as suas poupanças:

1. Pode guardar o que poupou.
2. Pode consumir o que poupou.
3. Pode emprestar o que poupou.
4. Pode investir o que poupou.
5. Pode tentar combinar as outras quatro opções.

Indiscutivelmente, a decisão final de Able será sustentada no seu próprio desejo de arriscar e obter recompensa. Em quase todos os casos, a sua opção beneficiará outros e nenhuma das opções imporá um fardo aos seus vizinhos.

No final, Able decide conceder o empréstimo aos seus vizinhos.

✓ IMPACTO REAL

Graças à disponibilidade, e aptidão, de Able para conceder empréstimos, Baker e Charlie têm agora redes que antes não possuíam. Com redes disponíveis para toda a gente, a capacidade colectiva de pesca da ilha cresceu de três para seis peixes diários. A economia duplicou em termos de dimensão e o futuro parece mais brilhante.

Mas isto não aconteceu apenas por os três tipos estarem descontentes com o seu estilo de vida modesto. O desejo deles, ao qual se chama procura em termos económicos, era necessário para incentivar o crescimento económico mas insuficiente para o alcançar.

O desejo de possuir mais é inato em todos os seres humanos. Não interessa o que temos, queremos sempre mais. Talvez não mais material, mas com certeza mais tempo, divertimento e mais opções, o que requer mais capital. Able, Baker e Charlie possivelmente tinham há anos as mesmas queixas em relação à pesca. A diferença é que finalmente se mostraram capazes de expandir a produtividade para ir ao encontro das suas exigências.

Com peixe em excesso, os ilhéus podem finalmente comer mais de um peixe por dia. Mas a economia não cresceu por eles consumirem mais. **Eles comeram mais por a economia ter crescido.** É um conceito simples, mas é fantástico o que os economistas modernos conseguem fazer com um conceito tão simples.

A maior parte dos economistas acha que a procura pode crescer dando mais dinheiro às pessoas para gastarem. Mas isso não altera a procura real, apenas o quanto as pessoas podem gastar em artigos que foram produzidos. Somente através do aumento da oferta as pessoas podem, na verdade, obter mais daquilo que procuram.

das ondas a lutar com peixes escorregadios. Ele nunca ouviu falar de caridade? Não podia partilhar um peixe ou dois para eu tirar uma folga de vez em quando? Tem ali uma pilha de peixe que nem iria perceber se um desaparecesse.”

Charlie concordou: “Partilha a riqueza, seu elitista!”

E quanto a este cenário:

Vamos
supor que
Able,
sentindo-se de
alguma forma culpado



pela sua riqueza em comparação com os outros, oscilava perante aqueles argumentos e dava o seu peixe sem pedir nada em troca. O que iriam fazer Baker e Charlie com o excedente de peixe?

Se estivessem libertos do fardo da retribuição, o mais provável era usarem a oferta para fazer crescer as suas horas de lazer. E não havendo nada inerentemente de errado com o lazer (na verdade, é o objectivo da maior parte da actividade humana), o tempo livre de Baker e Charlie não iria contribuir



para fazer crescer, nem em um arenque, a capacidade produtiva da ilha.

E se a opção pela caridade parece ser mais

generosa, e pode fomentar o crescimento da popularidade de Able, não dá a ajuda ao desenvolvimento económico que um empréstimo poderia proporcionar.

A conclusão a retirar é que qualquer coisa que leve a maior captura de peixe (produção) beneficia a ilha. Quanto mais peixe houver, mais possibilidades tem toda a gente de comer mais, de fazer algo mais do que pescar ou, talvez, não fazer nada de todo.



✓ IMPACTO REAL

Pode haver quem se sinta tentado a imaginar o que teria acontecido se Able se tivesse tornado um tipo muito ganancioso, que aproveitaria a sua nova riqueza para enriquecer cada vez mais.

É um perigo real? Se a única forma de fazer crescer as suas poupanças (sem ter de trabalhar) é disponibilizá-las aos outros membros da comunidade, por que razão quereria ele amealhar?

De outra forma, a sua riqueza permaneceria sempre idêntica ou iria decrescendo consoante ele a consumisse! O melhor do capitalismo privado é que obriga os que se podem sentir motivados unicamente pelos ganhos próprios a elevar os níveis de vida dos outros.



A RETER

A riqueza é sempre uma designação relativa. Numa sociedade primitiva onde há pouca produção, até os mais ricos não são capazes de obter o bem-estar material que está ao alcance dos pobres de uma economia industrializada. Na Idade Média, mesmo aos reis mais poderosos faltavam as comodidades básicas que hoje em dia quase toda a gente nos Estados Unidos toma por garantida... coisas como aquecimento central, canalizações, vegetais frescos no Inverno. E apesar de Baker e Charlie terem imaginado que pescar dia sim dia não fosse o supra-sumo da boa vida, na nossa perspectiva tal estilo de vida dificilmente pareceria invejável.

Mas o facto de haver diferentes níveis de riqueza sempre pareceu a alguns algo inerentemente injusto. Primordial neste constrangimento é a crença de que os ricos atingiram tal estatuto por terem retirado riqueza a terceiros, criando dessa forma os pobres. Na economia moderna, alguns catalogaram essa ideia como “a teoria do valor-trabalho”, que refere que o lucro é originado pagando-se menos aos trabalhadores do que eles realmente valem. Nessa perspectiva, empresários como Able ou grandes empresas só podem enriquecer, tanto quanto se sabe, levando os outros à pobreza.

Esta ideia tem tudo a ver com a postura moral e nada que ver com a realidade. O que leva os ricos a atingirem o seu estatuto (pelo menos de início) é que oferecem algo de valor aos outros. Able oferece empréstimos àqueles que não têm poupanças suficientes. Se ele obtém lucro, isso apenas acontece porque o serviço que presta é valioso para os outros.

Se Able fosse um tirano e se limitasse a roubar metade da pescaria dos seus vizinhos, então seria verdade que a sua riqueza relativa assentaria na pobreza relativa dos que oprimia. Mas essas acções, que implicariam obrigar os outros a fazer algo que contrariasse os seus próprios interesses, não iriam desenvolver a capacidade produtiva geral da ilha. Ele simplesmente ficaria com o que os outros teriam produzido e a produção da ilha permaneceria idêntica. O mais provável é que a produção caísse. Os oprimidos iriam trabalhar menos quando percebessem que o fruto do seu trabalho iria ser roubado.

A história é dominada por exemplos em larga escala desse tipo de coerção. Vêm logo à mente escravatura, servidão e camponeses. E enquanto os trabalhadores correspondem contrariados quando os seus interesses próprios lhes são negados, correspondem muito melhor se forem os beneficiários do seu trabalho.

Infelizmente, são raros na história do mundo os exemplos de liberdade económica em grande escala. Mas quando é permitido que floresça o interesse próprio, a capacidade produtiva expande-se rapidamente.

O recurso ao crédito é o exemplo perfeito de como a liberdade económica trabalha para benefício de todos. Desde que os que emprestam e os que pedem emprestado sejam livres de estabelecer os seus próprios termos, os resultados colectivos revelar-se-ão um sucesso. No entanto, como veremos mais à frente, os mercados de empréstimos podem ser deformados por forças externas. Quando assim acontece, é desastre garantido.